

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL DA PLATAFORMA SOMMOS AMAZÔNIA: mediação e valorização da diversidade cultural amazônica¹

DISCURSIVE STRATEGIES IN THE INSTITUTIONAL PRESENTATION OF THE SOMMOS AMAZÔNIA PLATFORM: Mediation and the Appreciation of Amazonian Cultural Diversity

Ana Silvia Lopes Davi Médola²
Taíssa Maria Tavares Guerreiro³

Resumo: Este trabalho analisa as estratégias discursivas presentes na apresentação institucional da plataforma Sommos Amazônia, iniciativa digital dedicada à difusão de produções culturais da região amazônica. O objetivo é investigar como os enunciados constroem uma imagem institucional pautada na mediação e legitimação cultural. Compreendendo a cultura como campo de disputas de sentido, o olhar semiótico sobre as estratégias enunciativas da plataforma Sommos Amazônia revela a tônica de um discurso mediador entre o local e o global, instaurando um enunciator coletivo que produz efeitos de proximidade com o enunciário e legitima o trabalho de artistas e produtores amazônidas. Os resultados indicam que as estratégias enunciativas articulam tecnologia, cultura e pertencimento para produzir novos sentidos sobre a Amazônia, tensionando discursos colonialistas e contribuindo para a reconfiguração do imaginário regional e protagonismo cultural amazônico.

Palavras-Chave: Plataforma Sommos Amazônia. Discurso institucional. Semiótica.

Abstract: This paper analyzes the discursive strategies present in the institutional presentation of the Sommos Amazônia platform, a digital initiative dedicated to promoting cultural productions from the Amazon region. The objective is to investigate how the utterances construct an institutional image grounded in cultural mediation and legitimation. Understanding culture as a field of disputes over meaning, a semiotic perspective on the platform's enunciative strategies reveals the predominance of a mediating discourse between the local and the global, establishing a collective enunciator that produces effects of proximity with the enunciatee and legitimizes the work of Amazonian artists and producers. The results indicate that the enunciative strategies articulate technology, culture, and belonging in order to generate new meanings about the Amazon, challenging colonialist discourses and contributing to the reconfiguration of the regional imaginary and Amazonian cultural protagonism.

Keywords: Sommos Amazônia Platform. Institutional discourse. Semiotics.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação”. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Livre - Docente em Comunicação Televisual. E-mail: ana.silvia@unesp.br

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Mestra em Comunicação pela UNESP. E-mail: taissa.guerreiro@unesp.br

1. Introdução

A Amazônia, conhecida como uma das regiões mais vastas e emblemáticas do planeta, tem despertado interesse científico e social ao longo das últimas décadas. Localizada na América do Sul, sua extensão abrange o território de nove países: Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Suriname, Guiana e Guiana Francesa – sendo o Brasil responsável por aproximadamente 60% de sua área total. O bioma amazônico destaca-se por abrigar a maior biodiversidade do mundo, composta por inúmeras espécies nativas, e por possuir uma extensa bacia hidrográfica formada por rios de grande volume de água doce, entre os quais se destaca o rio Amazonas, o maior rio em extensão e vazão do planeta (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2023).

Para além de sua importância ecológica e territorial, a Amazônia constitui também um espaço simbólico, permeado por representações sociais e culturais que atravessam o imaginário nacional e internacional. Ao longo da história, a região amazônica tem sido retratada sob diferentes perspectivas em diversos veículos midiáticos. Conforme observa Lopes (2015), embora essas representações possam contribuir para a apreciação e a valorização da riqueza da região, também apresentam o potencial de reforçar estereótipos simplificados ou distorcidos, bem como de produzir uma ideia de retorno ao primitivo, mesmo em contextos contemporâneos. Esses modos de representar não são neutros, uma vez que, como afirma Braga (2012, p. 32), “o ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu momento”. Dessa forma, ao representar a Amazônia, inscrevem-se visões de mundo, ideologias e disputas de sentido em torno do que se compreende por “Amazônia”.

Nos últimos anos observamos a emergência de iniciativas que buscam tensionar modos hegemônicos de representação cultural, especialmente por meio da mediação digital. Essas iniciativas se inserem em um contexto mais amplo de transformações estruturais no campo da comunicação, marcado pela centralidade das plataformas digitais na distribuição de conteúdo multimídia. Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) denominam esse processo de “plataformização”, isto é, a expansão das plataformas digitais, de seus modelos econômicos e de seus modos de funcionamento para diversos setores da economia e aspectos da vida cotidiana. Na perspectiva dos estudos midiáticos, essa dinâmica se expressa na reconfiguração das formas de produção, distribuição e consumo de obras, cada vez mais mediadas por ambientes digitais que concentram funções de curadoria, circulação e acesso.

É nesse contexto que se origina a plataforma *Sommos Amazônia*, uma iniciativa digital dedicada à curadoria e à distribuição de obras relacionadas à região amazônica. Lançada em 07 de abril de 2025, em português, inglês e espanhol, a plataforma digital foi desenvolvida pela *Sommos Arte e Cultura Brasileira* e possui o objetivo de difundir a cultura amazônica. Nesse sentido, a plataforma pode ser compreendida como um espaço estratégico de circulação de conteúdos, no qual se articulam práticas de seleção, organização e apresentação de obras que procuram retratar a região amazônica sob uma perspectiva diversa do olhar midiático hegemônico.

Considerando que os discursos de apresentação institucional desempenham papel fundamental na construção da identidade de projetos e organizações, a questão que orienta este trabalho diz respeito à finalidade do discurso de apresentação da plataforma *Sommos Amazônia* e ao modo como esses enunciados constroem uma imagem que a posiciona como referência na mediação e curadoria do audiovisual amazônico. À vista disso, o trabalho tem como objetivo analisar as estratégias discursivas mobilizadas no discurso de apresentação da plataforma, observando como se constroem efeitos de sentido de legitimidade, credibilidade e pertencimento cultural em torno da *Sommos Amazônia*.

A investigação volta-se, portanto, à observação de textos institucionais de apresentação da plataforma, buscando compreender como esse discurso orienta a construção de sentidos sobre a Amazônia e de que modo o destinador se apresenta ao destinatário. O artigo está organizado em três seções: inicialmente, apresentam-se os referenciais teóricos que fundamentam a discussão sobre cultura e representação; em seguida, discute-se a construção de sentidos sobre a Amazônia no cenário midiático; por fim, procede-se à análise dos textos da plataforma *Sommos Amazônia*, destacando as estratégias enunciativas que orientam seu discurso.

Tal abordagem justifica-se pela necessidade de compreender como projetos midiáticos recentes têm buscado reconfigurar ou tensionar representações sobre a região, frequentemente marcadas por exotização, homogeneização e distanciamento cultural. Ao analisar a plataforma enquanto discurso institucional, torna-se possível identificar os valores, perspectivas e estratégias de visibilidade que participam da reconstrução contemporânea do imaginário amazônico.

2. Cultura como campo de disputas de sentido

A cultura é uma realidade que antecede a própria reflexão antropológica sobre o seu significado, pois manifesta-se nas práticas humanas muito antes de ser objeto de estudo científico. No entanto, a consolidação do conceito de cultura caminhou paralelamente às ideias evolucionistas predominantes no século XIX, sobretudo após a publicação de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, em 1859. Nesse contexto, era comum a concepção de que os povos originários, espalhados pelos diferentes continentes, representavam estágios “bárbaros” ou “selvagens” da evolução humana, em contraste com as sociedades ocidentais, consideradas “civilizadas” (Laraia, 2002). Posteriormente, com o desenvolvimento da antropologia cultural e a consolidação do relativismo cultural, essa perspectiva passou a ser questionada, afirmando-se a compreensão de que as culturas não podem ser hierarquizadas segundo parâmetros evolucionistas, mas devem ser analisadas a partir de suas próprias lógicas internas.

Desde a Antiguidade, diferentes pensadores buscaram compreender as razões que explicam as diferenças de comportamento entre os grupos humanos, muitas vezes associando-as às variações dos ambientes físicos. No entanto, como observa o antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia (2002), o comportamento humano não pode ser explicado apenas por fatores naturais ou geográficos, uma vez que ele resulta de um processo de aprendizado social. Esse processo é denominado endoculturação, mecanismo pelo qual cada indivíduo internaliza valores, crenças, normas e práticas que compõem a cultura de seu povo.

O conceito de cultura, tal como compreendido atualmente, foi sistematizado no século XIX, quando Edward B. Tylor, em 1871, propôs uma definição abrangente que unificava dimensões materiais e espirituais da vida social. Tylor reuniu, no termo “cultura”, os significados antes atribuídos às palavras *Kultur* e *Civilization*, integrando em um mesmo conceito conhecimentos, crenças, artes, leis, costumes e demais capacidades adquiridas pelo ser humano enquanto participante de um determinado povo (Laraia, 2002). Nesse sentido, o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado, sendo herdeiro de um longo processo histórico de acumulação de saberes e experiências, o que evidencia que a cultura é um legado coletivo continuamente reelaborado ao longo do tempo. No entanto, essa herança cultural de cada sociedade, construída ao longo de inúmeras gerações, tende a condicionar a forma como os indivíduos percebem e julgam modos de vida distintos. Tal fator frequentemente conduz à rejeição ou à desvalorização de comportamentos que se afastam dos

padrões socialmente aceitos pela maioria, resultando em práticas de discriminação diante do que é considerado desviante. Essa tendência, de acordo com Laraia (2002), é denominada etnocentrismo, e manifesta-se quando uma cultura toma a si mesma como referência para julgar as demais, considerando-as inferiores ou incorretas:

O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão [...] Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais (Laraia, 2002, p. 73-74).

Dessa forma, entendemos que cada sistema cultural possui sua própria lógica interna, e tentar impor a lógica de uma cultura sobre outra constitui um ato de etnocentrismo. Ainda assim, observa-se com frequência a tendência de considerar racional apenas o próprio sistema cultural, atribuindo aos demais certo grau de irracionalidade (Laraia, 2002).

A comunicação, nesse sentido, constitui um processo essencialmente cultural. É por meio da comunicação que os grupos sociais compartilham valores, crenças e modos de ver o mundo – elementos que, ao serem representados, dão forma às identidades coletivas (Laraia, 2002). Conforme destaca Fiorin (2021), a linguagem constitui uma atividade por meio da qual o ser humano cria conceitos, organiza a realidade e categoriza o mundo. Nesse processo, a experiência linguística não apenas reflete, mas também constrói o modo como os indivíduos e os grupos compreendem o real. Assim, a mesma realidade pode ser percebida e classificada de formas distintas, a depender das experiências culturais e históricas de cada sociedade. Nenhum elemento do mundo pertence, por si só, a uma categoria fixa; são os sujeitos, a partir de suas práticas e valores, que produzem e nomeiam as categorias que dão sentido à existência (Fiorin, 2021).

Braga (2012) afirma que, na contemporaneidade, essa dinâmica de mediações que organiza a percepção e a produção de sentidos se realiza em um ambiente profundamente marcado por transformações tecnológicas e comunicacionais. Comunicação e sociedade articulam-se, assim, de modo indissociável, configurando uma ambiência cultural resultante do intenso desenvolvimento tecnológico (Gomes, 2016). Esse cenário se intensifica com a

mediatização⁴, uma vez que os processos de construção discursiva passam a operar no interior de estruturas midiáticas que condicionam a circulação e a visibilidade das representações culturais. Trata-se de uma ambiência específica, a chamada “sociedade em mediatização”, que redefine o modo como os sujeitos se relacionam com o mundo e com os outros (Gomes, 2016).

A consolidação dessa ambiência mediatizada encontra na plataforma uma de suas configurações contemporâneas mais significativas. Segundo Van Dijck, Poell e Waal (2018) as plataformas digitais assumem papel estruturante na coordenação dos fluxos informacionais, reordenando práticas sociais e tensionando as relações de poder na era digital. A plataforma designa, assim, o movimento pelo qual diferentes esferas sociais passam a estruturar suas práticas e formas de circulação de produtos e serviços segundo a lógica dessas infraestruturas digitais (Van Dijck, Poell e Waal, 2018). É nesse cenário que se insere a plataforma *Sommos Amazônia*, compreendida como manifestação desse processo no campo cultural, ao operar na seleção, organização e circulação de produções culturais amazônicas.

Dessa forma, compreender a cultura como um sistema de significações historicamente construído e compartilhado permite deslocar a análise para os modos pelos quais esses sentidos são produzidos, organizados e colocados em circulação por meio dos discursos. Nesse horizonte, as representações culturais não são tomadas como reflexos neutros da realidade, mas como construções simbólicas atravessadas por valores, interesses e posicionamentos. Essa compreensão permite pensar a comunicação como espaço de construção de sentidos e de representação cultural. Para este trabalho, interessa observar de modo específico como se produzem e circulam os discursos acerca da cultura regional em *Sommos Amazônia*.

3. A construção de sentidos sobre a Amazônia

A Amazônia, embora seja uma das regiões mais conhecidas do continente, não é de fácil delimitação conceitual. Moreira (1960 *apud* Loureiro, 1995) observa que o próprio termo “Amazônia” possui uma plurivalência de sentidos, podendo designar, ao mesmo tempo, uma

⁴ Segundo Hjarvard (2014), a mediatização refere-se a transformações estruturais de longa duração na relação entre mídia e demais esferas sociais. Diferentemente da mediação, associada a usos situados da mídia em práticas comunicativas específicas, a mediatização diz respeito à reconfiguração mais ampla dos padrões de interação social e das relações entre indivíduos, instituições e organizações.

bacia hidrográfica, uma província botânica, um conjunto político ou ainda um espaço econômico. Essa multiplicidade de significados revela que o conceito de Amazônia extrapola fronteiras geográficas, abrangendo dimensões simbólicas, culturais e ideológicas.

Assim como toda a formação do território brasileiro, a região Amazônica possui raízes exploratórias provenientes do processo de colonização liderada pelos europeus – os quais durante séculos buscaram elevar a economia de seus países através da exploração dos povos nativos e dos recursos naturais, considerados como fonte de sobrevivência dessas populações. Desde a colonização, a região amazônica foi historicamente descrita como um território de exuberantes riquezas naturais e habitada por diversos povos indígenas, os quais eram adjetivados como “primitivos” ou “selvagens” (Veríssimo e Pereira, 2020).

Segundo Pizarro (2012) a Amazônia, historicamente, foi representada a partir de olhares que lhe são externos. Em âmbito internacional, sua imagem foi moldada pelo pensamento ocidental e europeu, sustentado em concepções próprias sobre a natureza e sobre o lugar que a região ocupa na experiência humana. Essa visão foi registrada em diferentes tipos de texto, como crônicas, diários de viagem, relatórios científicos e missionários, que contribuíram para a construção de um imaginário sobre o território. De acordo com a autora:

Esse discurso constituiu um corpus que surgiu a partir da interação do novo ocupante: espanhol, português, holandês, inglês, francês com o meio. Não era um discurso inocente; vinha carregado de um ponto de vista, de uma história e das necessidades desta. Carregado, portanto, de fantasias. Seu efeito sobre o meio foi, contudo, determinante para o que seria o futuro desse espaço geográfico e de suas sociedades (PIZARRO, 2005, p. 62, tradução nossa)⁵.

Tal perspectiva reflete um caso histórico de etnocentrismo, em que a cultura dos povos originários da região amazônica foi rotulada como inferior, primitiva ou selvagem, a partir de parâmetros eurocêntricos de civilização e racionalidade. Ainda hoje, persistem discursos que reiteram visões herdadas do período colonial. Sobre isso, Mignolo (2003) explica que o colonialismo não desapareceu com o fim do domínio político europeu, pois a colonialidade do poder permaneceu ativa, apenas transformando-se e subordinando-se a novas hegemonias

⁵ No original: “Este discurso constituyó un corpus que surgía a partir de la interacción del nuevo ocupante: español, portugués, holandés, inglés, francés con el medio. No era un discurso inocente, venía cargado de un punto de vista, de una historia y de las necesidades de ésta. Cargado pues, de fantasías. Su efecto sobre el medio fue sin embargo determinante para lo que sería el futuro de este espacio geográfico y sus sociedades”.

epistemológicas. Essa colonialidade do poder, como explica Quijano (2005), se refere a um padrão de poder estruturado e persistente, responsável por naturalizar, em escala global, tanto a dominação quanto a suposta superioridade europeia, fazendo com que essas concepções fossem difundidas e aceitas como verdades universais.

Resquícios dessa colonialidade do poder são visíveis na maioria das produções midiáticas sobre a Amazônia feitas por pessoas de fora da região, que frequentemente reproduzem narrativas externas, exotizantes ou hierarquizantes. No entanto, a mesma lógica colonial permanece operando na forma como certas obras brasileiras constroem seus enunciados, como observam Andrade, Rossi e Demuru (2022, p. 257), ao analisarem o documentário *Cortina de Fumaça* (2023), da produtora *Brasil Paralelo*, que retrata “a população indígena da Amazônia [...] como grupos de selvagens de hábitos cruéis”, cuja suposta “crueldade” seria explicada pelas “más condições em que vivem as ‘culturas primitivas’”, sugerindo que tal situação poderia ser corrigida mediante educação ou integração do indígena à sociedade.

Essas representações, como afirma Rego e Freitas (2015, p. 114), não apenas simbolizam algo: elas carregam opacidades enunciativas, isto é, pré-concepções que estruturam modos de ver e dizer sobre a região. É nesse sentido que a mídia segue reverberando imagens negativas, incompletas ou reducionistas da Amazônia, seja como “pulmão do mundo”, “lugar exótico”, “território de exploração” ou “espaço sem civilização”. Tais sentidos não apenas simplificam a complexidade sociocultural amazônica, mas também reiteram posições históricas de poder.

Desse modo, compreende-se que a Amazônia é, antes de tudo, uma construção discursiva, resultado de narrativas produzidas, disputadas e atualizadas ao longo do tempo, e isso implica reconhecer que diferentes atores sociais como governos, empresas, mídias e a própria população amazônica, produzem sentidos concorrentes sobre o que a região é, representa ou deveria ser. Assim, iniciativas que buscam mobilizar outros sentidos sobre a Amazônia ganham relevância. É nesse contexto que se insere a plataforma *Sommos Amazônia*, cuja proposta de promover conexões entre saberes, territórios e agentes locais revela uma tentativa de reconfigurar discursos historicamente cristalizados sobre a região.

4. A plataforma *Sommos Amazônia*

A plataforma *Sommos Amazônia* configura-se como a primeira plataforma digital de alcance global dedicada à distribuição digital de produtos culturais da Amazônia. Lançada em 07 de abril de 2025, em português, inglês e espanhol, a plataforma foi desenvolvida pela *Sommos Arte e Cultura Brasileira*, empresa fundada em 2013 e especializada na distribuição digital de conteúdos culturais, com foco na difusão da cultura brasileira, tendo Alexandre Agra como diretor-presidente. A plataforma apresenta uma interface digital dinâmica e intuitiva, projetada para facilitar a navegação e o acesso ao vasto acervo cultural da região amazônica. Ademais, a plataforma possui design responsivo que adapta automaticamente a interface a diferentes tamanhos de tela, assegurando uma navegação hábil em dispositivos móveis e desktops.

O projeto da *Sommos Amazônia* contou com um investimento inicial de cerca de 3 milhões de reais, financiado por iniciativas privadas ligadas ao setor empresarial, tendo como objetivo reposicionar a Amazônia no mercado global da economia criativa, gerando receita e visibilidade para seus produtores e artistas (Agra, 2025). A iniciativa, de caráter inédito, adota o posicionamento ECG (Environment, Culture & Governance)⁶, e propõe uma experiência de navegação transversal, reunindo sete verticais de conteúdo: filmes, músicas, livros, artes visuais, gastronomia, notícias e parceiros. Em seu lançamento, o acervo inicial incluiu cerca de 300 filmes, 30.000 músicas, 2.500 livros, mais de 750 obras de artes visuais e um glossário sobre alimentos, ingredientes regionais, festas populares e agentes culturais, sendo ampliado continuamente por meio de curadoria e licenciamento de conteúdos de parceiros locais, nacionais e internacionais, incluindo artistas independentes, instituições culturais, empresas de diversos portes e veículos de comunicação (Pimenta, 2025).

O acesso à plataforma ocorre mediante assinatura mensal ou anual⁷, o que garante acesso ilimitado ao conjunto de conteúdos disponíveis. Diferente das plataformas convencionais de *streaming*, a *Sommos Amazônia* se apresenta como um movimento cultural e

⁶ Entende-se por ECG (Environment, Culture and Governance) uma abordagem de gestão derivada do conceito ESG (Environmental, Social and Governance), que acrescenta ênfase à cultura organizacional como eixo central para a implementação de práticas ambientais e de governança responsáveis (Cardoso 2022). O ESG, por sua vez, refere-se a um conjunto de práticas que integram questões ambientais, sociais e de governança das organizações, termo que ganhou notoriedade a partir do relatório da ONU de 2004, *Who Cares Wins* (Ganha quem se importa).

⁷ Desde o lançamento da plataforma, em abril de 2025, o valor da assinatura mensal é de R\$ 9,90. Posteriormente, em 2026, foi instituído também o plano anual, no valor de R\$ 108,90. Os valores podem ser convertidos para euros ou dólares, de acordo com a cotação vigente e o país de residência do assinante.

socioambiental, com participação coletiva de centenas de artistas, produtores, empresas e instituições, buscando gerar impacto econômico, social e ambiental a partir do protagonismo das populações locais. Em entrevista à *Revista Cenarium*⁸ Yeda Oliveira, diretora de Relações Institucionais da *Sommos Amazônia*, destacou que a criação da plataforma foi motivada pela escassez de espaços na mídia nacional e internacional para a difusão e monetização da produção cultural e científica da Amazônia. A diretora enfatizou que "não se pode valorizar, preservar e proteger o que não se conhece", e que a devastação ambiental e cultural ocorrida em 2022 reforçou a necessidade de uma iniciativa como a *Sommos Amazônia*.

Nesse contexto, as análises a seguir voltam-se aos discursos institucionais presentes na plataforma, com o objetivo de identificar como ela se apresenta ao público e de que modo participa da construção do imaginário sobre a Amazônia.

5. As estratégias discursivas na construção da imagem institucional

A análise fundamenta-se nos pressupostos da semiótica discursiva greimasiana como aporte teórico-metodológico, uma vez que, conforme afirma Barros (2005, p. 11), a semiótica “procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Nessa perspectiva, o texto é compreendido como um objeto de significação e como um objeto de comunicação, ou seja, como um todo de significado que possibilita a comunicação entre sujeitos de uma determinada sociedade, constituindo-se, simultaneamente, como espaço de circulação de valores, crenças e posicionamentos ideológicos (Barros, 2005).

Parte-se da compreensão de que o sentido não está dado, mas é produzido por meio de estratégias discursivas que podem ser apreendidas analiticamente. Isto posto, a investigação orienta-se pelo percurso gerativo de sentido, mobilizando, de modo articulado, os níveis fundamental, narrativo e discursivo. Conforme explica Floch (2001), o percurso gerativo descreve, de maneira dinâmica, as etapas pelas quais o sentido se constitui no plano do conteúdo, passando de formas mais abstratas e simples a configurações progressivamente mais concretas e complexas. No entanto, para este trabalho, a análise desenvolve-se a partir de um movimento de leitura semelhante ao que Terra (2024) propõe, que vai do mais visível ao mais

⁸ OLIVEIRA, Yeda. Entrevista sobre a criação da Sommos Amazônia. *Revista Cenarium*, 2025. Disponível em: https://revistacenarium.com.br/parceria-entre-cenarium-e-sommos-amazonia-amplia-conteudo-amazonico-no-brasil/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 ago. 2025.

abstrato: inicia-se na dimensão discursiva, passa pela organização narrativa e culmina na identificação das categorias semânticas elementares que fundamentam a produção de sentido.

Segundo Fiorin (2018) no nível das estruturas discursivas é possível identificar as marcas da enunciação presentes no enunciado a partir dos mecanismos de inscrição do discurso, que compreendem, no plano da sintaxe tempo, espaço e pessoa e, no plano da semântica, as figuras e os temas. A figura constitui um elemento da semântica discursiva que mantém relação com componentes do mundo natural, produzindo, no discurso, um efeito de sentido de realidade. Já o tema pertence à semântica narrativa e não se vincula a elementos do mundo natural, mas às categorias linguísticas e semióticas que estruturam o sentido (Barros, 2005). À luz dessas categorias, neste primeiro momento, identificamos as figuras e os temas recorrentes nos materiais de apresentação institucional da plataforma *Sommos Amazônia*, bem como para a observação das isotopias⁹ que se constroem a partir dessas recorrências.

Ao acessar a página inicial sem estar cadastrado (FIG. 1), observa-se a articulação entre os seguintes elementos: floresta, rio, e a predominância da cor verde, os quais instauram a isotopia temática da natureza e remetem diretamente ao bioma amazônico. A essas figuras somam-se outras figuras presentes no título “A plataforma digital da Amazônia”, na frase “Uma Amazônia que você nunca viu, e que o mundo quer conhecer” e no enunciado “quero 30 dias grátis”. Observa-se também a duplicação do logotipo da plataforma, com uma versão posicionada no canto superior esquerdo da página e outra inserida sobre a imagem do rio, com efeitos de luminosidade e transparência, integrando-se à composição visual. No plano temático, tais recorrências figurativas sustentam o tema natureza amazônica, articulando-o aos temas da internacionalização, da visibilidade cultural, da projeção global, da democratização do acesso e da legitimação institucional. Essa página (FIG. 1) consiste no primeiro material com o qual o usuário estabelece contato ao acessar a plataforma, desempenhando, portanto, papel relevante na construção da imagem institucional.

⁹ A estruturação do discurso é sustentada por isotopias, as quais Greimas e Courtés (2020, p. 276) definem como “recorrência de categorias sêmicas, quer sejam essas temáticas (ou abstratas) ou figurativas”, ou seja, reiterações que se articulam e reforçam os sentidos propostos.

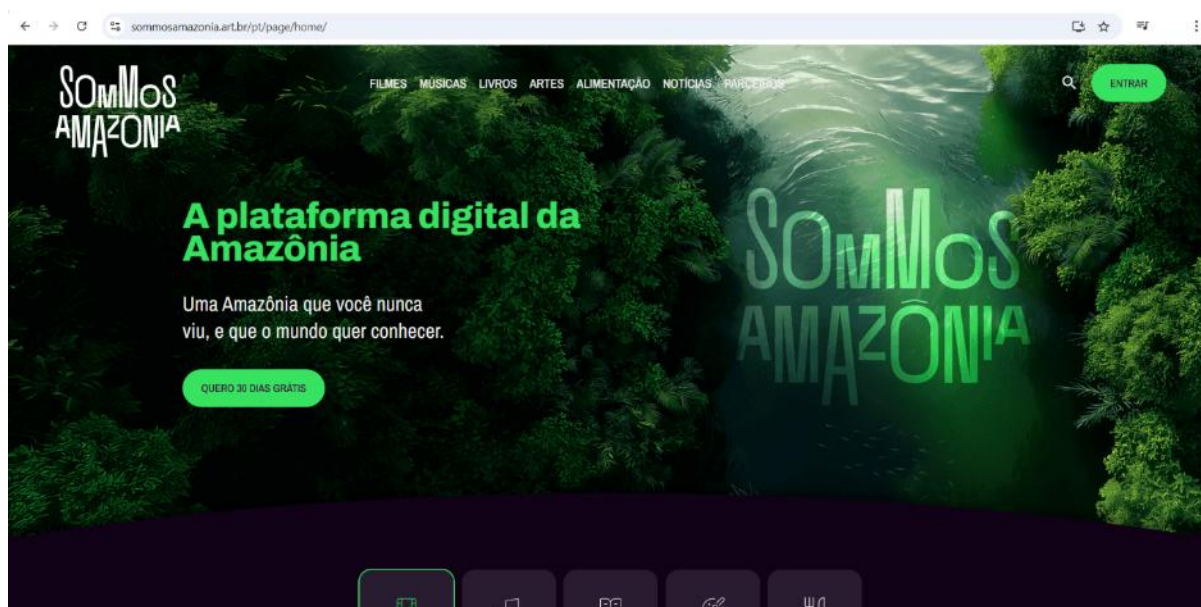


FIGURA 1 – Página inicial da plataforma *Sommos Amazônia*
 FONTE – Captura de tela do site *Sommos Amazônia* (31 jan. 2026)

Ao rolar a página, apresenta-se uma seção dedicada aos conteúdos disponíveis para consumo na plataforma (FIG. 2). As figuras mobilizadas deslocam o foco da paisagem natural para as produções culturais concretas, evidenciadas pelas capas de filmes e documentários, e pelas seções “filmes e séries”, “músicas”, “livros”, “artes” e “alimentação”. A capa do documentário *Uýra – A retomada da Floresta*, acompanhada de outras capas de filmes cujos títulos evocam rios e outros elementos naturais, reforçam a figurativização das manifestações artísticas, da floresta e do rio, e instituem os temas: natureza amazônica, território vivo, diversidade e cultura amazônica.

Destacam-se ainda figuras no título “Filmes e Séries” e na frase “o maior catálogo audiovisual da Amazônia”, que introduzem marcas de amplitude e autoridade. No plano temático, tais recorrências sustentam os temas da produção cultural, da diversidade de expressões artísticas e da legitimação institucional, ao mesmo tempo em que reiteram o pioneirismo e a centralidade da plataforma no campo audiovisual amazônico. A reaparição do ícone “quero 30 dias grátis” reitera o tema do acesso facilitado.

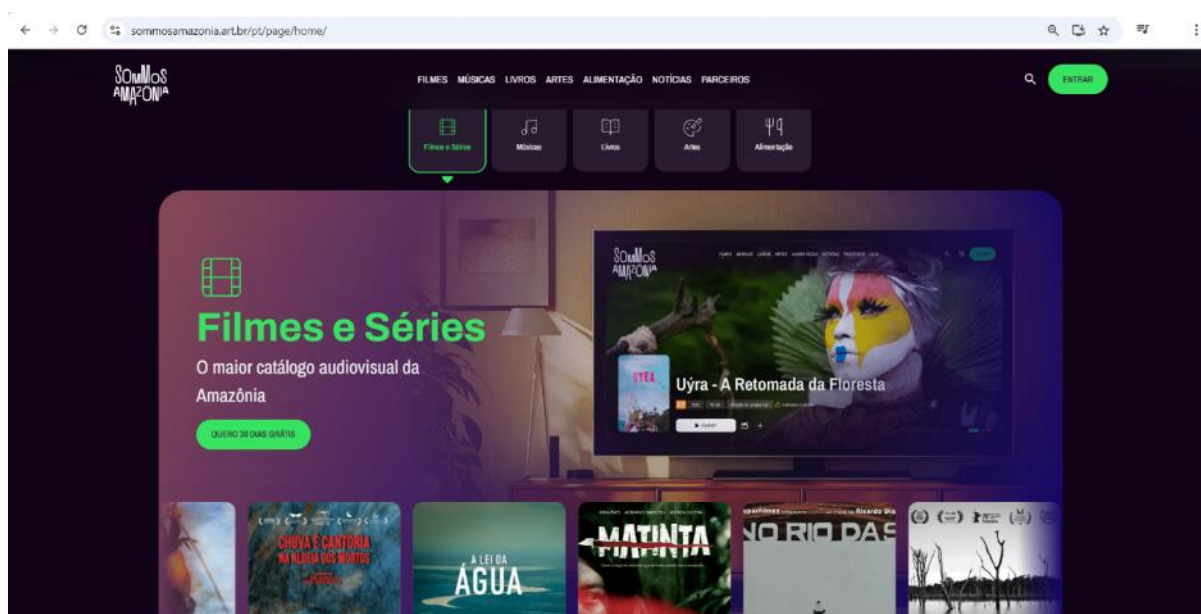


FIGURA 2 – Seção de apresentação da plataforma *Sommos Amazônia*
FONTE – Captura de tela do site *Sommos Amazônia* (01 fev. 2026)

Na sequência, há outra seção de apresentação da plataforma, com o enunciado “Explore Arte, Cultura e Notícias da Amazônia para o mundo”, seguido do subtítulo “para ver, ouvir, ler e conhecer” e da indicação, em números, da quantidade de obras disponíveis no acervo (FIG. 3). As figuras mobilizadas concentram-se nos campos da cultura e da circulação ampliada, marcadas pelos termos “arte”, “cultura”, “notícias”, “mundo” e pelos verbos de ação “explore”, “ver”, “ouvir”, “ler” e “conhecer”. Tais verbos instauram uma proposta de experiência cultural multissensorial e de mediação informacional, reforçada pela quantificação do acervo, expressa numericamente, que produz efeito de amplitude e consistência institucional. Já as imagens das capas de produções audiovisuais e as figuras de elementos culinários reiteram o tema da diversidade de expressões culturais amazônicas. A recorrência do ícone “quero 30 dias grátis” mantém ativo o tema do acesso facilitado.



FIGURA 3 – Seção de apresentação da plataforma *Sommos Amazônia*
 FONTE – Captura de tela do site *Sommos Amazônia* (01 fev. 2026)

Por conseguinte, na seção musical em destaque (FIG. 4), as figuras concentram-se no campo da produção sonora, evidenciadas pelos termos “70 mil músicas”, “diversidade”, “qualidade”, “música local” e “música amazônica”. A quantificação do acervo denota amplitude e robustez, o que, atrelado ao contexto analisado até aqui, produz efeitos de sentido de legitimidade, autoridade institucional e diversidade cultural. Esses temas são reforçados também pela presença de imagens de artistas amazônidas nas capas das produções musicais, os quais tematizam o protagonismo local. Já a expressão “primeira plataforma dedicada” aciona o tema do pioneirismo, reforçando a posição de destaque da plataforma no segmento. Novamente a recorrência do ícone “quero 30 dias grátis” reitera o tema do acesso facilitado.

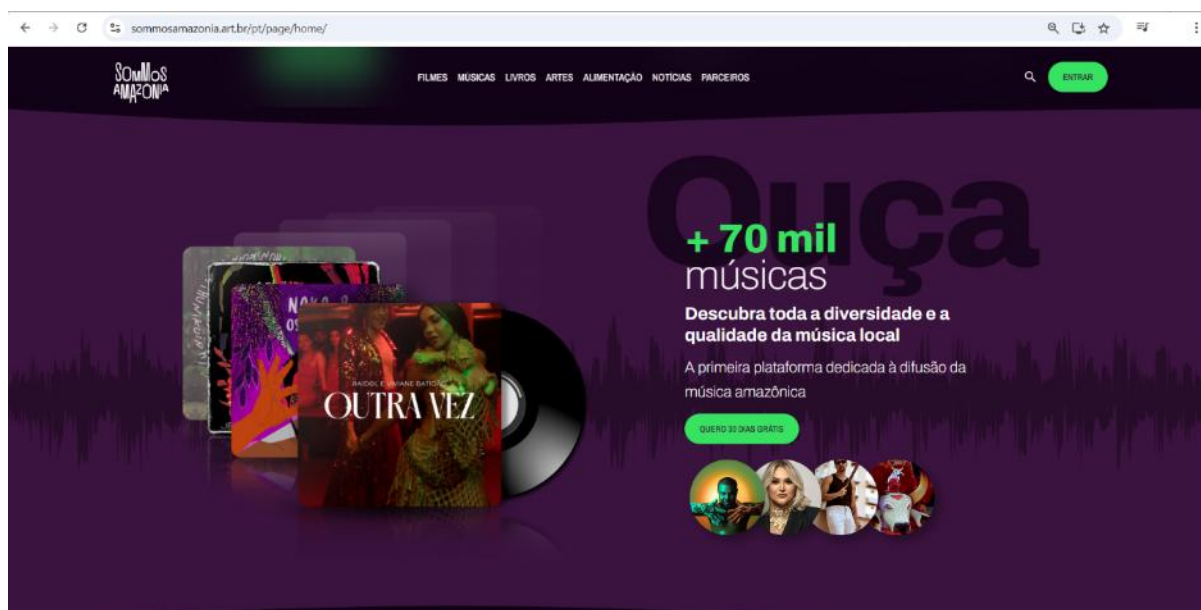


FIGURA 4 – Apresentação da seção musical da plataforma *Sommos Amazônia*
 FONTE – Captura de tela do site *Sommos Amazônia* (01 fev. 2026)

Por fim, ao acessar a página final (FIG. 5), destinada à assinatura, retoma-se a mesma imagem presente na página inicial (FIG. 1), e as figuras mobilizadas deslocam o foco do consumo cultural para o engajamento coletivo, marcadas pelos termos “assine”, “faça parte”, “movimento”, “contribui”, “preservar”, “difundir”, “remunerar” e “junte-se a nós”. Tais recorrências instauram a isotopia temática da coletividade e do movimento, na qual a assinatura é ressignificada como gesto de pertencimento e engajamento, ou seja, de adesão e de participação ativa.

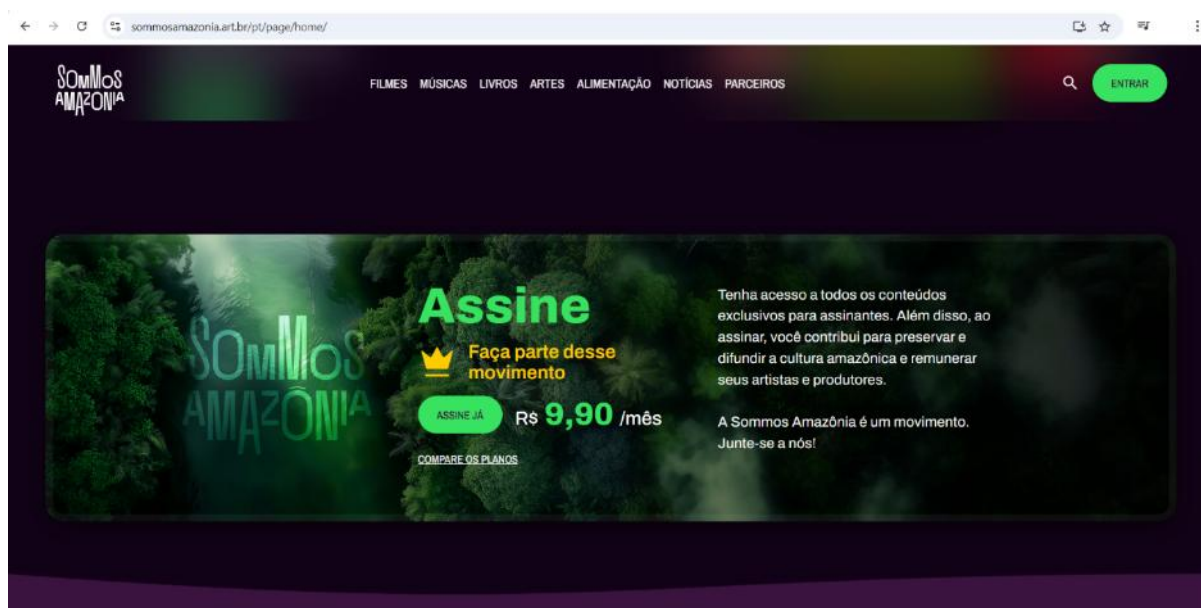


FIGURA 5 – Convite para assinatura da plataforma *Sommos Amazônia*
FONTE – Captura de tela do site *Sommos Amazônia* (01 fev. 2026)

Com base nas análises descritas no âmbito da semântica discursiva, apresentamos, a seguir, a sistematização das isotopias figurativas e temáticas identificadas no corpus analisado (FIG. 1-5), conforme sintetizadas abaixo (TAB. 1):

TABELA 1
Isotopias figurativas e temáticas na apresentação das interfaces analisadas

Isotopias Figurativas	Isotopias Temáticas
Floresta, rio, frutas regionais, indígena, manifestações artísticas.	Natureza amazônica; Território vivo; Diversidade.
Cultura, música, música local, música amazônica, filmes, séries, livros, artes, disco de vinil, onda sonora, artistas amazônidas.	Cultura; Expressões artísticas; Produção cultural; Diversidade; Cultura amazônica; Protagonismo local.
Plataforma, 30 dias grátis, maior catálogo, conteúdos exclusivos, planos, assinantes.	Acesso gratuito; Disponibilidade; Democratização do acesso.
Mundo, primeira plataforma, maior catálogo audiovisual da Amazônia.	Internacionalização; Projeção global; Visibilidade cultural.
Movimento, “faça parte”, “junte-se a nós”, nós, parte, “você contribui”.	Coletividade; Pertencimento; Engajamento; Movimento.
Primeira plataforma, maior catálogo, “Sommos Amazônia”.	Pioneirismo; Legitimação institucional; Autoridade.

FONTE – autoria própria

A sistematização dessas recorrências (TAB. 1) demonstra a articulação entre Amazônia, cultura, diversidade, visibilidade cultural, acesso e coletividade como eixos estruturantes do discurso da plataforma. Assim, no nível da semântica discursiva, as estratégias enunciativas constroem a Amazônia como uma região culturalmente invisibilizada nos circuitos hegemônicos de circulação midiática. Em contrapartida, a visibilidade articula-se à proposta da plataforma em fazer conhecer e difundir “uma Amazônia que você nunca viu, e que o mundo quer conhecer”, projetando simultaneamente novidade e interesse global. Essa estratégia enunciativa circunscreve o objetivo da plataforma, na medida em que a *Sommos Amazônia* se posiciona como instância mediadora capaz de operar a passagem simbólica da margem ao centro dos fluxos de circulação cultural, ampliando o acesso a públicos nacionais e internacionais e reconfigurando a representação amazônica no cenário comunicacional contemporâneo. Demarcado o funcionamento da semântica discursiva, passa-se, na sequência, à análise da sintaxe discursiva, a fim de examinar os modos de enunciação e as relações estabelecidas entre enunciador e enunciatário na construção dos enunciados.

No âmbito da sintaxe discursiva, a projeção de pessoa manifesta-se na predominância de um enunciado institucional em primeira pessoa do plural, que se configura como um “nós” em enunciados como “junte-se a nós” e no uso recorrente da denominação “Sommos Amazônia” como instância enunciativa. E, ao instaurar um “nós”, instaura-se simultaneamente um “tu/você”, implicado diretamente em formulações como “uma Amazônia que você nunca viu”, configurando um efeito de sentido de proximidade entre enunciador e enunciatário. Paralelamente, demarca-se também um “eles”, mobilizado nas referências aos artistas e produtores da cultura amazônica, que figuram como sujeitos legitimados do universo cultural representado.

No âmbito da espacialização, a Amazônia é representada como um espaço que abriga diversidade, figurativizada pela recorrência de elementos da flora amazônica e do desenho hidrográfico nas primeiras imagens que compõem a apresentação institucional (FIG. 1 e 2), bem como pela enumeração de diferentes expressões culturais e artísticas como filmes, séries, músicas, livros, artes e alimentação (FIG. 2 e 3). A diversidade não se restringe, portanto, à natureza, mas estende-se ao campo artístico e cultural da população que habita a região. Trata-se de um espaço englobante, uma vez que não se apresenta como unidade homogênea, mas como um conjunto plural de territórios, culturas e modos de vida. Da mesma forma, a plataforma consiste em um espaço digital englobante e, ao mesmo tempo, mediador, capaz de

reunir e articular múltiplas expressões culturais da Amazônia, funcionando como um ambiente de convergência das diversas produções artísticas oriundas desse território. O “mundo” configura-se como uma espacialidade exterior à Amazônia, apresentada como aquela que ainda não conhece a região, mas que pode vir a conhecê-la por meio da mediação da plataforma. Desse modo, é construído um eixo relacional entre o local e o global, no qual a *Sommos Amazônia* se posiciona como instância responsável por tornar acessíveis as produções culturais amazônicas a públicos para além das fronteiras regionais e nacionais. A plataforma configura-se, assim, como ponte mediadora entre o “aqui” (Amazônia) e o “lá” (mundo). Ao mesmo tempo, ela também se constitui como um novo “aqui”, uma vez que reúne e concentra, em um único ambiente digital, uma diversidade de expressões culturais amazônicas.

O tempo discursivo organiza-se predominantemente no presente da enunciação, articulado ao modo imperativo na relação enunciativa, o que produz efeito de sentido de atualidade. Tal configuração manifesta-se em formas verbais como “Explore arte, cultura e notícias da Amazônia para o mundo” (FIG. 3); “Ouça + 70 mil músicas” (FIG. 4); “Assine – Faça parte desse movimento (FIG. 5)”. O uso do presente, típico da linguagem publicitária, denota que a plataforma já existe, está em pleno funcionamento e se caracteriza como atual e acessível. Da mesma forma, expressões como “primeira plataforma” e “maior catálogo” introduzem uma projeção de novidade e pioneirismo, produzindo um efeito de sentido de tempo inaugural, experiência da qual o usuário pode vivenciar. Com isso, temos a seguinte formulação (TAB. 2) referente às categorias da sintaxe discursiva:

TABELA 2
Categorias identificadas na sintaxe discursiva

Categoria da sintaxe discursiva	Marcas identificadas no corpus	
Pessoa (actorialização)	Nós	“Plataforma Sommos Amazônia”; “Junte-se a nós”
	Nós + Eles	Plataforma + artistas e produtores culturais amazônidas
	Tu/Você	“Uma Amazônia que você nunca viu”
Espaço (espacialização)	Aqui	Amazônia
	Espaço mediador/aqui	Plataforma
	Lá	Mundo
Tempo (temporalização)	Presente Imperativo	“Explore”; “Ouça”; “Assine”

FONTE – autoria própria

No nível das estruturas narrativas, onde se dá o contrato enunciativo e onde ocorre a narrativa (Barros, 2005), a plataforma ocupa o papel de destinador-manipulador, responsável por instaurar um programa narrativo que busca persuadir o usuário (sujeito) a entrar em conjunção com a cultura amazônica, considerada objeto valor. A plataforma propõe ao usuário um percurso de descoberta, acesso e valorização de produções culturais da região. Nesse sentido, a *Sommos Amazônia* sugere um novo modo de ver a Amazônia, diferente do que a sociedade conhece pela mídia tradicional. O objeto valor central é, portanto, o contato com a diversidade cultural amazônica, apresentada como algo a ser explorado, conhecido e apoiado. Nesse percurso, os artistas e produtores amazônidas figuram como sujeitos actantes, cujas produções são legitimadas e colocadas em circulação.

Para obter a aderência do destinatário, a plataforma mobiliza em seus discursos de apresentação um conjunto de estratégias de manipulação¹⁰ que se desdobram ao longo do esquema narrativo. A formulação “a plataforma digital da Amazônia – uma Amazônia que você nunca viu, e que o mundo quer conhecer” (FIG. 1) configura-se como uma estratégia de manipulação, uma vez que instaura um fazer-querer dirigido ao destinatário. Ademais, ao afirmar que se trata de “uma Amazônia que você nunca viu”, o discurso constrói um efeito de sentido de falta, sugerindo a existência de um conhecimento ainda não acessado. Simultaneamente, ao acrescentar que essa Amazônia é algo “que o mundo quer conhecer”, são atribuídos valores ao objeto proposto. A plataforma, então, apresenta-se como a instância capaz de suprir essa falta, posicionando-se como mediadora desse acesso.

Soma-se a isso a recorrência do ícone clicável “quero 30 dias grátis”, que opera como uma estratégia que reduz possíveis resistências iniciais e reforça o convite à adesão. Nessa dinâmica, a oferta de acesso gratuito configura-se como uma doação de competência modal do destinador (a plataforma) ao sujeito (o usuário), sobretudo no eixo do poder-fazer, uma vez que concede ao destinatário a possibilidade concreta de experimentar os conteúdos sem custos imediatos, o que leva o usuário a querer-fazer.

¹⁰ Para a semiótica, a manipulação não é compreendida em uma perspectiva disfórica, mas como um processo de persuasão, partindo do pressuposto de que todo ato de comunicação implica a busca pela adesão do destinatário. Nesse sentido, comunicar é, necessariamente, mobilizar estratégias de manipulação orientadas à produção de sentidos e à obtenção de um fazer-creer. De acordo com Barros (2005) há diferentes modos de manipular, e quatro grandes tipos de figuras de manipulação podem ser citados: a tentação, a sedução, a intimidação e a provocação.

Paralelamente à doação de competência modal, a plataforma também realiza uma doação de competência semântica, ao oferecer um conjunto de conhecimentos e valores que orientam a compreensão da Amazônia como espaço de diversidade cultural, autenticidade e potência criativa. Por meio de enunciados como “o maior catálogo audiovisual da Amazônia” (FIG. 2), “a primeira plataforma dedicada à difusão da música amazônica” (FIG. 4) e “Explore arte, cultura e notícias da Amazônia para o mundo” (FIG. 3), o sujeito é munido de um quadro de referências que o capacitam a reconhecer esses conteúdos como valiosos e dignos de interesse. Diante desse cenário, é possível constatar que tais estratégias articulam manipulação por sedução e tentação, orientando o destinatário à adesão do cadastro na plataforma e, posteriormente, a assinar e participar do movimento da *Sommos Amazônia*.

O esquema narrativo organiza-se, assim, nas etapas de manipulação (realizada pelo convite reiterado ao acesso), de competência (na qual se observa a doação modal de poder-fazer, materializada na oferta do período gratuito) e de performance (correspondente à experimentação e ao consumo dos conteúdos disponibilizados na plataforma). Tal encadeamento articula efeitos de sentido de pertencimento simbólico e de participação em um movimento de difusão cultural, apresentado como benéfico aos artistas e produtores amazônidas e como responsável por projetar uma Amazônia até então “desconhecida” para o mundo.

6. Considerações Finais

Compreender a cultura como um campo de disputas de sentido implica reconhecer que as representações não são reflexos neutros da realidade, mas construções discursivas atravessadas por valores e posicionamentos ideológicos (Braga, 2012) que determinam quais narrativas ganham visibilidade ou não. No cenário contemporâneo, a plataformização da comunicação reconfigura esses processos, consolidando os ambientes digitais como instâncias estratégicas de produção, curadoria e legitimação de conteúdos culturais. No caso da Amazônia, essa dinâmica é fundamental para confrontar a colonialidade do poder (Quijano, 2005) que historicamente validou olhares externos à região marcados pela exotização, pelo rótulo de primitivo e pela homogeneização, negligenciando a complexidade regional e cultural a uma invisibilidade disfórica. Assim, a disputa narrativa atual reside em reconfigurar esse

imaginário consolidado historicamente, permitindo que a região assuma o protagonismo de sua própria representação e deixe de ser vista como objeto passivo do olhar estrangeiro.

Neste trabalho, a análise do discurso institucional presente nas páginas iniciais da plataforma *Sommos Amazônia* evidenciou que a iniciativa se configura como um espaço, cuja potência como aglutinadora das diversas formas de produção cultural e circulação de sentidos sobre a região, pode intervir diretamente na disputa de narrativas que historicamente atravessam o imaginário amazônico. Dessa forma, ao mobilizar estratégias discursivas, a plataforma constrói um *ethos* institucional pautado na mediação cultural, na legitimação da produção local e na valorização da diversidade de expressões artísticas amazônicas.

Na perspectiva do percurso gerativo de sentido, conforme já mencionado, identificamos no nível discursivo a recorrência de isotopias associadas à cultura, à coletividade, ao acesso e à visibilidade que sustentam valores como diversidade, pertencimento, autenticidade e reconhecimento. Esses valores organizam um campo de significação que se distancia de representações homogêneas, exotizantes ou estigmatizadas sobre a região e passa a apresentar a Amazônia como território diverso, plural e produtor de cultura. Na sintaxe discursiva, a predominância de um “nós” institucional em diálogo com um “você”, instaura uma relação de proximidade entre a plataforma e o usuário, ao mesmo tempo em que posiciona artistas e produtores amazônidas como sujeitos legitimados desse universo cultural. A especialização constrói um eixo entre o “aqui” (Amazônia), o “lá” (mundo) e a própria plataforma como espaço mediador, reforçando sua função de ponte entre produções locais e circuitos ampliados de distribuição. Na semântica discursiva, as estratégias enunciativas propõem a oposição entre visibilidade *vs.* invisibilidade, na qual a plataforma é discursivizada como operadora da passagem da cultura amazônica de um estado de apagamento cultural para um estado de reconhecimento e circulação ampliada.

No nível narrativo, observa-se que a *Sommos Amazônia* institui um contrato enunciativo orientado à conjunção do enunciatário com a cultura amazônica, configurada como objeto-valor. A plataforma assume a posição de destinador-manipulador ao propor um percurso no qual a adesão não se limita ao consumo de conteúdos, mas se articula também a um projeto de valorização cultural. As estratégias de manipulação por sedução e tentação, associadas à doação de competência modal, especialmente o poder-fazer marcado pela oferta do período gratuito, e à doação de competência semântica, responsável por qualificar a produção amazônica como diversa, legítima e socialmente relevante, estruturam esse percurso narrativo.

Desse modo, a adesão do usuário é construída para além do acesso ao catálogo da plataforma, visando a participação em um movimento de reconhecimento e ampliação da visibilidade da cultura amazônica.

Desse modo, compreende-se que a Amazônia, enquanto construção discursiva, não é estática, é permanentemente atualizada pelas materialidades midiáticas que a representam. A plataforma, ao articular tecnologia, cultura e memória, participa desse processo ao produzir novos sentidos e desafiar discursos colonialistas que enquadram a região como exótica, atrasada ou apenas um território a ser explorado. Assim, a *Sommos Amazônia* contribui para uma reconfiguração do imaginário amazônico no cenário comunicacional contemporâneo, evidenciando a relevância narrativa, estética e política das produções regionais.

Referências

- AGRA, Alexandre. Sommos Amazônia: Cultura e Meio Ambiente. Revista RI, nº 289, mar. 2025. Disponível em: <https://www.revistari.com.br/289/2318>. Acesso em: 25 ago. 2025. SOMMOS Arte e Cultura Brasileira. SOMMOS Arte e Cultura Brasileira. Disponível em: <https://sommos.art.br/>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- ANDRADE, M. E. S.; ROSSI, A. R.; DEMURU, P. Amazônia e agronegócio: a semiótica de um discurso conspiratório. *Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, Santa Maria, v. 21, n. 47, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/72284>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In MATTOS, M.A; JANOTTI Jr. J.; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & midiatização**. Salvador: UFBA/Compós, 2012.
- CARDOSO, Vanusa. Liderança sustentável: entenda o que é ECG e como aplicar. Vanusa Cardoso Cursos e Treinamentos, 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.vanusacardoso.com.br/lideranca-sustentavel-entenda-o-que-e-ecg-e-como-aplicar/>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística: Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- FLOCH, J. M. **Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral** [1985]. Tradução Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: 2001.
- GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. ID22253, 2016. DOI: 10.15448/1980-3729.2016.2.22253. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/22253>. Acesso em: 14 fev. 2026.
- GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÈS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2020.
- HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. *MATRIZES*, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 21–44, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizas/article/view/82929>. Acesso em: 15 fev. 2026.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LOPES, Rafael. Além das anacondas: representações sobre a Amazônia, de Hollywood aos videastas regionais. **Orson**, n. 12, 2015. Disponível em: <https://orson.ufpel.edu.br/content/09/anterior09.html>. Acesso em: 5 mar. 2025.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

MIGNOLO, W. D. **Histórias Locais, Projetos Globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. Nilo ou Amazonas: qual é o maior rio do mundo? National Geographic Brasil, 17 abr. 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/viagem/2023/04/nilo-ou-amazonas-qual-e-o-maior-rio-do-mundo>. Acesso em: 20 out. 2025.

OLIVEIRA, Yeda. Entrevista sobre a criação da Sommos Amazônia. Revista Cenarium, 2025. Disponível em: https://revistacenarium.com.br/parceria-entre-cenarium-e-sommos-amazonia-amplia-conteudo-amazonico-no-brasil/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 ago. 2025.

PIMENTA, Caio. Sommos Amazônia: Cinema. Cineset, 2025. Disponível em: <https://cineset.com.br/sommos-amazonia-cinema/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2012.

PIZARRO, Ana. Imaginario y discurso: la Amazonía. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, v. 31, n. 61, p. 59-74, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25070260>. Acesso em: 01 nov. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras** – estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 2–10, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01/60747734>. Acesso em: 25 jan. 2026.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

REGO, Nelson; FREITAS, Ricardo Martins de. Amazônia, representação e mídia. **Revista FSA**, Teresina, v. 12, n. 1, p. 107-120, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/279885/000952473.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 out. 2025.

SOMMOS AMAZÔNIA. Plataforma Sommos Amazônia. Disponível em: <https://www.sommosamazonia.art.br/pt/page/home/>. Acesso em: 31 jan. 2026.

TERRA, E. Análise semiótica do texto: O percurso gerativo do sentido: Semiotic analysis of the text: the generative process of meaning. **Revista Fios de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 01, p. e11241 | 01–16, 2024. DOI: 10.59666/fiosdeletras.v1i01.3413. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/fiosdeletras/article/view/3413>. Acesso em: 31 jan. 2026.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. **The Platform Society**: Public Values in a Connective World. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VERÍSSIMO, Tatiana Corrêa. PEREIRA, Jakeline. **A floresta habitada**: história da ocupação humana na Amazônia. Belém: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON), 2020.